

Poemas literários

Deivilly Jesus dos Santos. NTE-25.

Cólegio Estadual Nelson Maia.

Poemas:

Quinhentismo 1500. *Pe. José*

Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,

Nestas palhas encostado? - Jazo

aqui por teu pecado. - Ó menino

mui formoso, Pois que sois suma

riqueza,

, Como estais em tal pobreza? -
Por fazer-te glorioso E de graça
mui colmado, Jazo aqui por teu
pecado.

- Pois que não cabeis no céu,
Dizei-me, santo Menino, Que vos
fez tão pequenino? - O amor me
deu este véu, Em que jazo
embrulhado, Por despir-te do
pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois
Deus de eternidade, Quem vos
fez de tal idade?

- Por querer-te todo

o bem E te dar eterno estado,
Tal me fez o teu pecado.

Barroco 1601. *Gregório de
Matos*

Senhora Dona Bahia

"Ninguém vê, ninguém fala, nem
impugna, e é que, quem o
dinheiro nos arranca, nos
arranca as mãos, a língua, os
olhos."

"Esta mãe universal, esta
célebre Bahia, que a seus peitos
toma, e cria, os que enjeita

Portugal"

"Cansado de vos pregar
cultíssimas profecias, quero das
culteranias hoje o hábito
enforçar: de que serve
arrebentar por quem de mim não
tem mágoa? verdades direi
como água porque todos
entendais, os ladinos e os
boçais, a Musa praguejadora.
Entendeis-me agora?"

Arcadismo 1768. *Manoel Maria
du Bocage*

Se é doce

Se é doce no recente, ameno
Estio Ver toucar-se a manhã de
etéreas flores, E, lambendo as
areias e os verdores, Mole e
queixoso deslizar-se o rio;
Que esperta os corações,
floreia os prados, Mais doce é
ver-te de meus ais vencida, Dar-
me em teus brandos olhos
desmaiados. Morte, morte de
amor, melhor que a vida.

Romantismo 1836. *Fernando Pessoa*

"O amor romântico é como um traje, que, como não é eterno, dura tanto quanto dura; e, em breve, sob a veste do ideal que formamos, que se esfacela, surge o corpo real da pessoa humana, em que o vestimos. O amor romântico, portanto, é um caminho de desilusão. Só o não é quando a desilusão, aceite

desde o princípio, decide variar de ideal constantemente, tecer constantemente, nas oficinas da alma, novos trajes, com que constantemente se renove o aspecto da criatura, por eles vestida. "

Realismo 1881. *Machado de Assis.*

"Digo-lhe que faz mal, que é melhor, muito melhor contentar-se com a realidade; se ela

não é brilhante como os sonhos,
tem pelo menos a vantagem de
existir.

Naturalismo 1881. *Álvares de
Azevedo*

" Invejo as flores que murchando
morrem, E as aves que
desmaiam-se cantando E
expiram sem sofrer... "

Parnasianismo 1881 e 1893

Olavo Bilac.

A Velhice

O neto:

Vovó, por que não tem dentes?

Por que anda rezando só. E

treme, como os doentes Quando têm febre, vovó? Por que é

branco o seu cabelo? Por que se apóia a um bordão? Vovó,

porque, como o gelo, É tão fria a sua mão? Por que é tão triste o seu rosto?

Tão trêmula a sua voz? Vovó,
qual é seu desgosto? Por que
não ri como nós?

A Avó:

Meu neto, que és meu encanto,
Tu acabas de nascer... E eu,
tenho vivido tanto Que estou
farta de viver! Os anos, que vão
passando, Vão nos matando sem
dó: Só tu consegues, falando,
Dar-me alegria, tu só! O teu

sorriso, criança, Cai sobre os
martírios meus, Como um clarão
de esperança, Como uma
benção de Deus!

Simbolismo 1893 e
1902. *Charles Baudelaire*

O Cachimbo

Trigueiro, negro, enfarruscado,
Sou o cachimbo de um autor,
incorrigível fumador, Que me
tem já quase queimado.

Quando o persegue ingente dor,
Eu, a fumar, sou comparado Ao
fogareiro improvisado Para o
jantar de um lenhador.

Vai envolver-lhe a tova mente O
fumo azul e transparente Da
minha boca em erupção...

A sua dor, prestes, se acalma;
Leva-lhe o fumo a paz à alma, Vai
Alegrar-lhe o coração!

Pré-Modernismo 1902 e 1922.

Augusto dos Anjos.

Saudade

Hoje que a mágoa me apunhala
o seio, E o coração me rasga
atroz, imensa, Eu a bendigo da
descrença, em meio, Porque eu
hoje só vivo da descrença.

À noute qunado em funda
soledade Minh'alma se recolhe
tristemente, P'ra iluminar-me a
alma descontente, Se acende o
círio triste da Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao
tormento, E à dor e ao
sofrimento eterno afeito, Para
dar vida à dor e ao sofrimento,
Da saudade na campa
enegrecida Guardo a lembrança
que me sangra o peito, Mas que
no entanto me alimenta a vida.

Modernismo 1922. *Manuel
Bandeira.*

ARTE DE AMAR

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma. A alma é que estraga o amor. Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus - ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.